

GILBERTO FREYRE E O JUDAÍSMO: REFLEXÕES SOBRE O *PATHOS* SEMÍTICO NO JUDEU DE APIPUCOS

*Gilberto Freyre and the Judaism: Reflections on the Pathos Semitic
in the Jew of Apipucos*

Caesar Sobreira*

Meu nascimento e floração intelectuais ocorreram nesta capitania hereditária de Pernambuco, então sob inquestionável liderança intelectual de Gilberto Freyre, protegido por uma corte de gilbertólogos e gilbertófilos orbitando em torno do então Instituto, agora Fundação, Joaquim Nabuco. Minha formação intelectual, entretanto, foi forjada fora dos círculos gilberteanos: não sou um dos seus epígonos; sou um dos seus leitores.

Sigo o sábio exemplo de Nietzsche — “habito em minha própria morada” —, pois sou discípulo de mim mesmo: meu Jardim de Epicuro está localizado em Olinda, não em Apipucos!

Tal fato, não ser “discípulo” do grande mestre de Apipucos, não impede reconhecer e prestar tributo de honra à densidade intelectual de Gilberto: ele era vasto, imenso, profundo. Dominando diversas áreas das ciências humanas e sociais, produziu análises abissais sobre a alma do pernambucano, do nordestino, do brasileiro. Tinha, ademais, o dom de escrever com elegância rara, aliando saber científico e formulações originais, inclusive picarescas. Assim, expunha suas ideias através de textos que – para muito além de apenas informar – provocam, no leitor, o gozo estético da palavra.

A leitura de *Casa-grande & Senzala*, seu livro naticlássico (1933), propicia imenso prazer a quem o lê: seiva de saber e sabor desliza no

* Bacharel em Direito (FDR/UFPE) e em Psicologia (UNICAP), Mestre em Direitos Humanos (Universidade Pontifícia de Salamanca). Doutor em Filosofia (Universidade de Salamanca) com pós-doutorado em Linguística (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro). Professor de Antropologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco e autor do livro *Nordeste Semita: ensaio sobre um certo Nordeste que em Gilberto Freyre também é semita* (São Paulo: Global, 2009). Contato com o autor: caesar_ufrpe@yahoo.com.br

texto gilberteano. Que mais exigir de uma obra que reúne conhecimento científico e indiscutível qualidade literária?

Raríssimos escritores cristalizam essas duas tendências e conciliam o discurso acadêmico — sob a proteção do “deus Logos” de Freud — com o domínio da arte de escrever, proporcionando volúpia intelectual à absorção do conhecimento científico.

Neste particular, Gilberto Freyre é singular e original na interpretação do homem e da cultura brasileira. Gilberto era um literato exímio, que até hoje não foi alcançado, muito menos ultrapassado, por nenhum outro cientista que escreve em português.

Através de Gilberto, o brasileiro passou a ter orgulho de si mesmo. Nesse sentido, sua obra é axial, fundamental: ele é nosso herói civilizador, nosso *gênio da raça*, tal como foram — para seus povos e idiomas — Camões, Cervantes, Dante, Goethe, Dostoievski, Nietzsche, Freud, e, em termos literários e interpretativos, muito superior a Lévi-Strauss.

Por tais méritos, reconhecidos pelas melhores universidades do mundo que o recobriu de títulos honoríficos, Gilberto se tornou mito ainda em vida.

Como tal, enfrentou os desafios com os quais se deparam os grandes homens: a hostilidade das forças atávicas. Com Gilberto não foi diferente: encontrou as maiores resistências e teve seus mais renitentes detratores na sua própria terra natal, Recife-PE, sendo hostilizado tanto por setores arcaicos quanto por intelectuais “progressistas”, inspirados no marxismo uspiano.

Pela permanência da sua obra, Gilberto Freyre nunca saiu da ribalta. Há dois anos, a Feira Literária Internacional de Parati foi dedicada a ele, sendo o momento culminante a conferência de Fernando Henrique Cardoso, sobre o pensamento do Mestre de Apipucos.

Também em 2010, na Fliporto-Olinda, a Casa Brasil acolheu uma mesa de debates em torno do tema “Os judeus no Nordeste e a visão de Gilberto Freyre”, sob mediação de Gilberto Freyre Neto, composta por Leonardo Dantas Silva, palestrante.

Foi uma tarde agradabilíssima: sob o céu azul real, emoldurado por janelas em arco através das quais se via, por entre o verde das mangueiras, aquele grande mar Atlântico de um azul diferente, turquesa talvez.

Nessa paisagem paradisíaca, refletindo sobre a contribuição de Gilberto Freyre aos estudos sobre a presença judaica no Nordeste, não

poderia deixar de ser levantada a questão, ou falsa questão, relativa a acusações de antissemitismo na obra de Gilberto Freyre.

Essa discussão, fruto da tirania do politicamente correto, que impõe uma pauta de conduta restritiva à liberdade de expressão, estabelece novos tribunais inquisitoriais de cerceamento ideológico, agora exercido por meio das patrulhas filológicas.

Exemplo aviltante foi tentar expurgar uma (sempre começa com uma) obra de Monteiro Lobato, por uma metáfora infeliz, mas contextualizada, naquilo que alguns denominam *espírito da época*, na qual os valores cultivados não eram os mesmos do *pós-tudo* atual. Mais recente, a vítima foi o dicionário Houaiss, acusado de racismo.

Qualquer aprendiz de antropólogo sabe o *be-a-bá* relativo à necessidade do respeito entre as culturas. Tal respeito não se refere apenas a culturas díspares no espaço, mas também à própria cultura, inscrita no tempo em patamares arqueológicos, formando uma cadeia de palimpsestos em sucessão permanente.

Portanto, causa estranheza a voracidade de pesquisadores — alguns estabelecidos nesta ingrata República de Pernambuco — em exercer o macabro ritual de “chutar um leão morto”.

Porque agora é fácil, quase está na moda, falar mal de Gilberto Freyre. Não que isso seja novidade: desde sempre o pensador de Apipucos encontrou detratores e foi chamado, entre outros adjetivos, de comunista, de anarquista, de direitista e, antes como agora, de *antisemita*.

Essa questão traz à tona outra mais radical: a da liberdade de expressão literária por meio da crítica, da picardia, da mordacidade, da humanização afetiva do Outro, que também se expressa com humor às vezes anedótico, outras vezes caricatural. Na arte e na vida, isso é mais que normal.

Nem Freud poderia explicar o exagero, nesse afã, em analisar, com microscópio *kratológico*, algumas palavras, frases, descrições ou expressões literárias e metaliterárias de Gilberto Freyre.

A técnica (ou tática) usual é isolar o texto, acoplando-o a outros fragmentos dispersos em uma obra polifônica, multicrômica, como a de Gilberto Freyre, para daí chegar a conclusões baseadas em locuções que as ciências jurídicas (que são também ciências sociais) recomendam desprezar, fazendo prevalecer o princípio da insignificância, uma vez que, se utilizarmos o critério do “politicamente correto” na análise

dos clássicos literários, não sobraria “letra sobre letra”. Do mesmo modo, se cada geração julgar a anterior segundo seu próprio decálogo, o princípio do juridicamente correto estaria ferido, porque lei não pode retroagir, senão para beneficiar. Por extensão, uma mentalidade ulterior e uma nova ética são inadequadas para julgar linguagens e éticas precedentes.

Se assim o fosse, quase toda a literatura ocidental seria passível de ser vítima dessa releitura pseudodesconstrucionista que virou moda nesse “admirável país novo”.

As primeiras vítimas seriam os livros mais antigos, que são também os mais sagrados. A começar pela Bíblia que, segundo a crítica racionalista, está eivada de “preconceito” e “racismo”, inclusive de descrições pouco elogiosas dos judeus, descrições que até poderiam ser qualificadas como expressões de um antissemitismo puro e duro. Diante de tal afã revisionista, não escaparia nem Dante Alighieri que, na *Divina Commedia*, vituperou um profeta semita, Maomé, o quarto califa Ali e, por extensão, toda religião islâmica.

Ao descrever o oitavo círculo infernal e nomear seus hóspedes, no *Canto Ventesimottavo* (versos 30-33), Dante coloca o profeta Maomé e o califa Ali naquele horrível lugar, destinado aos *seminatori de discordie*, ou seja, promotores de cismas religiosos e os semeadores de ódios, divisões e discórdias entre as pessoas e os povos.

Dante coloca este lamento na boca de Maomé:

Or vedi com'io mi dilacco!
Vedi come storpiato è Maometto!
Dinanzi a me sen va piandendo Ali,
Fesso nel volto dal mento al ciuffetto.

[Observe esta mutilação!
Vê como retalhado está Maomé!
À minha frente vai Ali, chorando,
a face aberta ao meio pela fé.]

Esses versos se referem aos ferimentos que um demônio provoca nos corpos do profeta Maomé e do califa Ali, merecedores da mais alta veneração na religião islâmica. Toda vez que o ferimento é produzido,

em pouco tempo, o corpo se recompõe e a ferida desaparece; então, o demônio os fere outra vez, e, assim, o suplício prossegue *ad infinitum*.

A tortura imposta ao profeta Maomé e ao califa Ali lembra o castigo sofrido por Prometeo, que foi acorrentado ao Cáucaso e submetido ao tormento de ter seu fígado devorado por uma águia, durante todos os dias de sua vida, até ser libertado por Hércules. Tudo isso por haver oferecido aos homens a luz do conhecimento, após roubá-la dos deuses olímpicos.

Se fôssemos julgar Dante pelos critérios atuais, ele teria ferido a suscetibilidade religiosa dos muçulmanos. No Brasil, poderia ser enquadrado por desrespeito à fé alheia. Então, no mesmo sentido, o que dizer de Salman Rushdie? Nos famosos *Versículos Satânicos*, o escritor anglo-indiano insultou os profetas Abraão e Maomé, ambos semitas. Isso também não seria antissemitismo?

Do mesmo modo, como enquadrar Freud o qual, sendo judeu, opôs-se ao sionismo? Freud seria antissemita por afirmar, no prefácio à edição hebraica de *Totem e Tabu* (escrito em 1930 e publicado em 1939) não poder “partilhar de ideais nacionalistas” do povo judeu? E Nietzsche, então, que alguns deslustrados críticos insistiam em classificar como antissemita? O que seria do autor de *Zaratustra* se sua obra fosse analisada a partir de critérios ideológicos, e não de critérios filosóficos ou literários?

Nessa passada, não sobraria livro sobre livro, nem letra sobre letra; tudo seria arrasado pelo neobarbarismo dos fascismos da direita à esquerda, promotores das patrulhas filológicas, escudadas em dissertações e teses apegadas àquilo que Freud denominou, em *O mal-estar na civilização*, de “narcisismo das pequenas diferenças”.

Então, retornando a Gilberto Freyre, o que fez o escritor de Apipucos para merecer o epíteto de antissemita?

A principal acusação, repetida *ad nauseam*, por detratores de várias épocas, faz referência ao perfil físico e psicológico dos judeus, elaborado por Gilberto em *Casa-Grande & Senzala*, através da seguinte descrição:

Técnicos da usura, tais se tornaram os judeus em quase toda parte por um processo de especialização quase biológica que lhes parece ter aguçado o perfil no de ave de rapina, a mímica em constantes gestos de aquisição e de posse, as mãos em garras incapazes de semear e de criar. Capazes só de amearhar (FREYRE, 1990, p. 226).

Dissemos, no nosso livro *Nordeste Semita*, que o pomo da discórdia se encontra na classificação dos judeus como “técnicos da usura”. Freyre afirmou que uma *especialização quase biológica* desenvolveu nos judeus um *perfil de ave de rapina*. Essa tendência *quase biológica* tornou possível o enriquecimento dessa *gente da nação*. O empobrecimento da aristocracia de sangue estimulou casamentos negociados entre portugueses nobres, mas *lisinhos da silva*, com judias ricas, mas sem nobreza porquanto *filhas de agiotas ricos*, como afirma o sempre polêmico Gilberto Freyre.¹

Os *casamentos mistos*, exogâmicos, resultaram na miscigenação etnocultural entre cristãos-velhos e judeus. Estes, na condição de *neoconvertos*, deram origem aos cristãos-novos. Tais cristãos-novos procuraram realizar ascensão social através das “tradições sefardíticas do intelectualismo”, cuja expressão social é o *bacharelismo*, isto é, o afã compulsivo em obter título universitário.

Freyre acredita que o costume brasileiro do uso de anéis com rubi ou esmeralda, informando sua condição de bacharel ou de doutor, é uma reminiscência judaica, assim como a “mania” que os intelectuais têm de utilizar óculos “usados também como sinal de sabedoria ou de requinte intelectual ou científico”², arremata o pai da Tropicologia e fundador deste Seminário.

Para o sociólogo e não sociólogo de Apipucos, o fato de quem fez curso superior, querer ser chamado “doutor”, mesmo sendo apenas licenciado ou bacharel, constitui mais uma prova das raízes sefarditas, pois foi por meio da conquista de títulos universitários (especialmente em direito e medicina) que os cristãos-novos puderam elevar-se à aristocracia. Diz Gilberto: “dessa burguesia letrada que se aristocratizou rapidamente pela cultura universitária (...) grande parte seria de cristãos-novos ou ‘homens de nação’.”³

Em *Sobrados e mucambos*, Freyre reafirma o que já dissera em *Casa-Grande & Senzala*, destacando que os cristãos-novos tinham predileção pelo *bacharelismo*, pelo intelectualismo, por especialização científica e sofisticação literária. Isso porque eles vinham procurando

¹ FREYRE, 1990, p. 227.

² Id. Ibid., p. 229.

³ _____.

ascensão social, utilizando as “*tradições sefardínicas de intelectualismo*”, ao mesmo tempo em que também buscavam igual objetivo por meio dos casamentos interétnicos (FREIRE, 1990, p. 227 e 229).

Neste particular, Freyre escreveu:

Compreende-se que os cristãos-novos, vindos da usura, do comércio de escravos e da agiotagem, encontrassem nos títulos universitários de bacharel, de mestre e de doutor a nota de prestígio social que correspondesse às suas tendências e ideais sefardínicos. Que encontrassem na advocacia, na medicina e no ensino superior a maneira ideal de se aristocratizarem (FREYRE, 1990, p. 230).

Ora, aqui se trata de um elogio, pois se as “tendências e ideais sefardínicos” estavam relacionadas à obtenção de títulos universitários, ao exercício da docência superior e acesso a profissões intelectuais de grande prestígio (advocacia e medicina), é porque havia, nos judeus, uma proverbial devoção aos estudos. É mais que legítimo encontrar, por tais vias, a “maneira ideal de se aristocratizarem”, pois se trata de um elogio ao saber, um estímulo ao estudo enquanto via privilegiada de ascensão social. Apreciar de modo positivo o fato histórico de que judeus e cristãos-novos utilizaram o conhecimento científico para subir na escala social é uma forma de elogio ao povo hebreu.

Gilberto fez diversas referências positivas aos judeus e cristãos-novos, motivo pelo qual não se pode afirmar que era antissemita.

Ainda em *Sobrados e mucambos*, Gilberto afirmou que os judeus configuravam a diversidade ante o grupo social lusocatólico e, por ser uma minoria divergente, guardavam sua especificidade judaica na intimidade do lar.⁴ Trata-se, portanto, de resistência cultural por meio da qual uma minoria oprimida sobrevive ante um adversário ameaçador (o grupo social lusocatólico), dotado de instrumentos de terror para impor sua cosmovisão, a velha e pecaminosa Inquisição.

Gilberto destacou que outra característica judaica, a endogamia, era uma realidade sociológica, antropológica, quase sexológica, típica da cultura semifeudal dos canaviais pernambucanos. Os casamentos intrafamiliares, de primo com prima ou tio com sobrinha, característicos da sociedade patriarcal açucareira e sertaneja, são como que *permanentes*

⁴ FREYRE, 1990, p. 5.

judaicas, arcaísmos que sobreviveram por muito tempo (e ainda sobrevivem) no Nordeste brasileiro.

Freyre afirma ainda que as ramas mais tradicionais das famílias nordestinas são de ascendência judaica e, como tais, representantes da “poderosa corrente de cultura sefárdica: a de judeus portugueses, vindos de Amsterdã” (FREYRE, 1970, 9. 319).

A influência semítica é tão intensa na colonização do Brasil, conforme acreditava o sociólogo, que a própria feijoada seria uma herança judaica, a qual, em sua origem, excluía ingredientes de origem suína.⁵ Da mesma origem seria o popular cozido, versão judaico-brasílica da *adafina sefardi*.⁶

Durante o período holandês, o Recife era o maior centro de diferenciação intelectual do Brasil. Freyre destaca esse fato em duas passagens de *Sobrados e mucambos*.⁷ Neste ambiente intelectualizado, o hebraico era estudado e poemas foram escritos no idioma sagrado. Aqui, o judaísmo foi praticado abertamente. Gilberto Freyre, inclusive, acredita que existam até mesmo adeptos da cabala judaica em terras pernambucanas.⁸

Gilberto Freyre acreditava também que os judeus foram os agentes “mais ou menos secretos” do orientalismo. Em função disso, teria sido conservado certo grau de hostilidade aos judeus durante a *era patriarcal* brasileira. Tal hostilidade sobreviveu tanto na população rural quanto nos centros urbanos (FREYRE, 1980, p. 461).

Assim, a *malhação do Judas* seria uma sublimação e expressão simbólica da aversão aos judeus, acusados de *deicídio* – como se fosse possível matar uma divindade. A queima do Judas significa, para Gilberto Freyre, “uma evidente expressão popular do ódio teológico do Católico ao Judeu e de ódio social do oprimido ao opressor”.⁹

Então, estamos ante uma incógnita: Como explicar essa espécie de antissemitismo dissimulado, que Gilberto Freyre afirmava haver existido (se é que não existe mais) nas populações rurais e urbanas do

⁵ FREYRE, 1970, op. cit., p. 320.

⁶ Id.Ibid., p. 327

⁷Idem, op. cit., p. 320 e p. 461.

⁸ Idem, op. cit., p. 321.

⁹ Idem, op. cit., p. 462.

Nordeste, sentimento este que deve conviver com a dotação genética semítica de grande parte da população euro-nordestina?

O Nordeste é herdeiro do amálgama étnico que forjou o homem ibérico. De tal modo que, em se tratando da etnia iberobrasileira, iberonordestina ou lusonordestina, é possível reconhecer a herança étnica e cultural judaica, como o próprio Gilberto Freyre atestou nas suas duas obras-primas.

Por isso é necessário repetir, e sempre cada vez mais, a verdade que salta aos olhos do pesquisador isento de preconceitos, a saber: a presença do sangue semita na formação etnocultural do povo nordestino. Isso implica reconhecer que a *multiculturalidade* foi praticada há séculos nas terras do Nordeste, proporcionando o surgimento de uma nova civilização, herdeira da genética judaica e da cultura semita. Neste particular, o geneticista Sérgio Pena, em *Retrato Molecular do Brasil*, considera: interessante é a alta frequência do haplogrupo 9, característico de judeu, em portugueses e brasileiros. (...) isso pode dever-se ao fato de que muitos cristãos novos vieram para o Brasil, trazendo o haplogrupo 9 (PENA, 2002, p.26).

Gil Guerra Júnior, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, em artigo sobre genética molecular dos cristãos-novos, faz referência ao caso dos anões de Orobó, interior de Pernambuco:

Quando da primeira visitação do Santo Ofício ao Brasil (1593-1595), já era considerável o número de cristãos novos em Pernambuco. Numa amostragem com base nos depoimentos, pode-se estimar em 14% da população desta capitania nesta época (GUERRA JR., 2005, p. 337-338).

Um artigo referente às pesquisas realizadas em Orobó, onde seis crianças (de quatro famílias da região), portadoras da síndrome de Laron, foram objetos de descrição hormonal, teve como objetivo descrever, do ponto de vista clínico, laboratorial e molecular, os seis casos oriundos de quatro famílias procedentes do interior de Pernambuco, sendo avaliada a presença de efeito fundador da mutação identificada. Os autores afirmam que tal mutação “decorre de um efeito fundador provavelmente com origem em comunidades judaicas do Mediterrâneo” (GUERRA JR., 2005, p. 389).

O professor Gil Guerra assevera que, em todas as crianças deste estudo, foi realizado minucioso estudo molecular do gene causador da mutação, o que permitiu confirmar que todos apresentavam haplótipos idênticos, também observados em equatorianos descendentes de espanhóis e em uma família de judeus orientais, o que sugere “a ligação da origem dos judeus do Nordeste do Brasil aos judeus sefardins.”¹⁰

Recentemente, em estudo avaliando a síndrome de Laron em Israel e a relação com as origens étnicas, esta mesma mutação foi identificada também em judeus marroquinos, porém a ausência de dados sobre os polimorfismos não permitem estabelecer uma ligação entre os judeus marroquinos e aqueles provenientes da Península Ibérica para o Nordeste do Brasil e outros locais da América do Sul; porém, deve-se lembrar que os judeus sefardins também migraram da Espanha e de Portugal após 1492 para o Norte da África e Oriente Médio.¹¹

Embora seja bastante discutível a demarcação de *pertencimento* e identidade étnica a partir de estudos genéticos, não se pode desprezar a contribuição que a genética molecular pode oferecer aos estudos da antropologia física, no que se refere à herança judaica, incrustada na cultura e na população do Nordeste brasileiro, já identificada por Gilberto Freyre em sua antropologia tropicológica.

A vida e a obra de Gilberto Freyre testemunham uma personalidade exuberante em contradições. Em relação aos judeus, é visível que Gilberto tanto expressou simpatias no tocante às inclinações intelectuais hebraicas, quanto teceu severas críticas em relação ao papel econômico dos judeus.

Os gilbertófilos preferem destacar as demonstrações de filosemitismo na obra de Freyre; os gilbertófobos põem em relevo as frases nas quais podem detectar aquilo que consideram antissemitismo. Ambos os grupos (de defensores e de detratores) estão incorrendo em um equívoco metodológico, deixando que o *pathos* nutrido em relação ao objeto *atrasse* e, deste modo, comprometa seus discursos.

No livro *Tempos de Casa-Grande*, de Silvia Cortez, com um prefácio assinado por Arnaldo Bloch, intitulado “Gilberto Freyre, o

¹⁰ GUERRA, 2005, p. 339.

¹¹ Id. *ibid.*

judeu de Apipucos”, o autor traz à baila a notícia publicada pela imprensa segundo a qual “graças ao versátil cromossomo Y que traça o mapa genético dos indivíduos e dos povos, um exame no DNA de familiares de Gilberto Freyre (...) revelou que o nosso sumo sociólogo descendia de judeus sefarditas portugueses que migraram para o Brasil” (BLOCH, 2010, p. 11).

Bloch começa seu prefácio (publicado como artigo no jornal *O Globo*, de 18/01/2002) da mesma forma como conclui meu livro *Nordeste Semita*, mas chegando a conclusões bastante diferentes. Bloch considera que Gilberto Freyre “constituiu uma das obras mais cruéis de que se tem notícia, quando se trata de analisar o legado do antigo povo monoteísta.”¹²

Parece um pouco pesado demais, esta sentença, lançando uma maldição sobre a obra originalíssima do sábio de Apipucos. Denominar a obra de Gilberto Freyre como “uma das mais cruéis” para com os judeus só pode ser uma hipérbole engendrada por uma mente atrofiada pela inveja.

É um absurdo rotundo afirmar que a obra de Gilberto Freyre é “uma das mais cruéis” em relação aos judeus. Neste particular, cabe lembrar que trouxemos a historiadora Anita Novinsky para o lançamento do *Nordeste Semita*, que teve lugar na Fundação Gilberto Freyre. Anita Novinsky, fundadora de Núcleo de Estudos da Intolerância, conhecedora como ninguém da Inquisição portuguesa, leitora de Gilberto Freyre e campeã da causa judaica, foi peremptória em reputar como falsas as acusações de antisemitismo imputadas a Gilberto Freyre.

Muito pelo contrário, *La Novinsky* não poupou em elogios ao mestre de Apipucos por ocasião de sua palestra no referido lançamento. Isso diante dos herdeiros de Gilberto. Então, fica difícil equacionar esta questão: alguns estudiosos, judeus e não-judeus, preferem destacar trechos nos quais Gilberto, com seu habitual humor, faz como que uma caricatura calcada em outra época e outros valores, do povo judaico.

Por outro lado, existem aqueles que – apesar de tais trechos – preferem ver o conjunto da obra, a originalidade do pensamento, a perícia do escritor e o encanto do talento descritivo, que se tornou marca inimitável do escritor de Apipucos.

¹² Id, *ibid.*

Nós, por outro lado, preferimos ver Gilberto Freyre como um precursor, como o pioneiro que abriu veredas por meio das quais as futuras gerações deverão construir as avenidas do conhecimento. Nesse sentido, ele foi inspirador para os pesquisadores do seu tempo e para aqueles que viriam muito depois. Ele influenciou José Antônio Gonsalves de Mello¹³, Evaldo Cabral de Mello¹⁴, Alexandre Ribemboim¹⁵, Marco Aurélio de Alcântara¹⁶ e Vamireh Chacon¹⁷, para citar apenas alguns dos que dedicaram suas obras (ou parte delas) ao estudo das raízes hebraicas do Nordeste brasileiro.

A importância de Gilberto Freyre para o estudo do semitismo, no Nordeste, decorre de seu pioneirismo em identificar, em estudos sociológicos, a presença da *gente da nação* na constituição da sociedade brasileira e, sobretudo, nordestina.

Muito tempo depois, e com aporte de novas pesquisas, a participação de judeus e cristãos-novos em nossa terra tem sido cada vez mais confirmada. Novos estudos foram realizados, a partir dos anos setenta, na tentativa de dimensionar o impacto étnico e cultural dessa *gente da nação* na formação do povo nordestino, e não somente porque se trata de um fenômeno ibero-americano.

No que se refere ao Nordeste do Brasil, desde que o rabino Fritz Pinkuss, de São Paulo, enviou Anita Novinsky a Caicó para verificar o relato do pároco local, segundo o qual a população preservava “costumes judaicos”, até hoje, diversos foram os estudos dedicados a provar a pervivência de tais costumes (quando não de uma religiosidade criptojudaica) na população nordestina.

Somente para citar alguns estudos, cabe destacar, em primeiro lugar, a tese rabínica apresentada por Jacques Cukierkorn, ao *Hebrew Union College*, de academia rabínica sediada em Cincinnati, Ohio

¹³ MELLO, José A. G. de. *Gente da Nação: cristãos-novos e judeus em Pernambuco – 1542-1654*. Recife: Massangana/Fundaj, 1989.

¹⁴ MELLO, Evaldo C. de. *O nome e o sangue: uma fraude genealógica no Pernambuco colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁵ RIBEMBOIM, José A. *Senhores de engenho judeus em Pernambuco colonial – 1542-1654*. Recife: Editora 20-20, 2000.

¹⁶ ALCÂNTARA, Marco A. de. *Aspectos da aculturação dos judeus no Recife*. Recife: Imprensa Oficial, 1956.

¹⁷ CHACON, Vamireh. *O anti-semitismo no Brasil: tentativa de interpretação sociológica*. Recife: Clube Hebraico, 1955.

(EUA), intitulada *Retornando*, na qual relata a busca pelo retorno ao judaísmo por parte da população de Caicó e outras cidades do Vale do Seridó, no sertão potiguar.¹⁸

No mesmo ano (1994), Sonia Bloomfeld Ramagem defendeu sua dissertação de mestrado em antropologia, na Universidade de Brasília, intitulada *A fênix de Abraão*, sobre o mesmo objeto de estudo e chegando às mesmas conclusões do rabino Cukierkorn, com a utilização do método etnográfico.¹⁹

Por essa época, o jornalista James Ross, professor da Northeastern University, de Boston, esteve fazendo pesquisa de campo materializada, anos depois, no livro *Fragile Branches*, em que consta um capítulo – *Secret Jews* – sobre os “marranos” do Nordeste, com entrevistas de “judeus-novos” do Recife.²⁰

Nos anos de 2000 e 2001, o historiador Nathan Wachtel, professor do Collège de France, realizou viagens em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, cujos resultados encontram-se no epílogo de seu livro *La Foi du souvenir*.²¹ Wachtel também entrevistou várias pessoas, algumas que também haviam sido informantes de James Ross.

Puxando o fio de Ariadne dos labirintos marranos, Wachtel assim explica as fidelidades paradoxais dos descendentes de cristãos-novos:

muitas famílias cristãs, e que se querem como tais, continuaram até os nossos dias, particularmente no Brasil, a observar as regras alimentares e a acender a vela das sexta-feira à noite, estando ao mesmo tempo persuadidas de que se trata de costumes perfeitamente cristãos. Esses grupos familiares também têm consciência de sua particularidade, eles se conhecem, sabem precisamente suas genealogias e mantêm alianças preferenciais entre si ao passo que a ideia de ‘Nação’ desapareceu há muito tempo (WATCHTEL, 2009, p. 368).

¹⁸ CUKIERKORN, Jacques. *Retornando – Coming Back: a description and historical perspective of the Crypto-Jewish Community of Rio Grande do Norte, Brazil*. [Thesis for Ordination]. Cincinnati: Hebrew Union College – Jewish Institute of Religion, 1994.

¹⁹ RAMAGEM, Sonia B. *A fênix de Abraão: um estudo sobre cristãos-novos retornados ao judaísmo de seus ancestrais*. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

²⁰ ROSS, James. *Fragile Branches: travels through the Jewish Diaspora*. New York: Riverhead, 2000.

²¹ WACHTEL, Nathan. *La foi du souvenir: labyrinthes marranes*. Paris: Seuil, 2001.

Quais são os registros de tal ascendência judaica? Wechtel revela: “Fragmentos de memória, reminiscências, sequelas mais ou menos conscientes, mas também ressurgências, retornos: tais são os primeiros resultados”²² da pesquisa que resultou neste e em mais outro livro, publicado dez anos depois.

Em fevereiro de 2011, Nathan Wachtel publicou *Mémoires Marranes*, obra dedicada à Anita Novinsky. Este livro, tratando exclusivamente do fenômeno “marrano” no Nordeste brasileiro, contém diversas entrevistas com nordestinos de diferentes classes sociais, marcados pelo mesmo destino (in)comum de retorno ao judaísmo, 500 anos depois da conversão forçada de seus ancestrais (WACHTEL, 2011).

Tanto o jornalista norte-americano quanto o célebre historiador francês foram *engabelados* – como diria Gilberto Freyre – por relatos mais próximos à literatura fantástica do que à realidade do (suposto) criptojudaísmo nordestino.

Não está em discussão a (quase oni)presença de judeus e cristãos-novos no Nordeste brasileiro, fato comprovado através da literatura colonial e pelos estudos contemporâneos. O equívoco reside em tentar forçar semelhanças entre a influência etnocultural da *gente da nação judaica* na formação do Nordeste, e o criptojudaísmo residual descoberto em 1915 em Belmonte, Portugal, por Samuel Schwarz (2010).

Que existiu criptojudaísmo no Nordeste é verdade, mas a documentação histórica só os encontra em atividade até 1630, quando ocorreu a invasão holandesa. Até essa época, existiam esnogas funcionando em residências e em engenhos de Pernambuco, como demonstraram as pesquisas dos dois Ribemboim, pai e filho (RIBEMBOIM; RIBEMBOIM, 2011).

Naquela circunstância, quem praticava o criptojudaísmo teve a liberdade de assumir a religião judaica. Depois da expulsão dos holandeses, o criptojudaísmo (enquanto exercício secreto da religião judaica). Segundo Gitlitz (2003), desapareceu ou se tornou tão secreto que ficou submerso nas profundezas do inconsciente das gerações subsequentes. Não existe – ou, se existe, ainda não foi descoberto – uma *linha evolutiva* relacionando o criptojudaísmo do período pré-holandês ao *neojudaísmo* dos *bnei anussim* do final do século XX.

²² Id., *ibid.*

Isso significa que este tema é instigante, atual, exigindo uma interpretação mais abrangente no que diz respeito à amostragem. Até este momento, o tema despertou maior interesse aos pesquisadores estrangeiros – que ignoram o aporte da obra gilberteana (e, se não ignoram, tampouco a ela não fazem referência). Tais autores de alhures realizaram uma análise *superficial* do fenômeno devido à escassez de dados, ao tamanho diminuto de informantes (em torno de vinte pessoas) e à manipulação ou falseamento da realidade por parte de alguns entrevistados.

A obra de Gilberto Freyre, fundamental para entender a integração do elemento semítico no Nordeste brasileiro, é a porta de entrada para qualquer estudo deste tem, e, como tal, continua atual e insuperável porque, ao deslindar o passado, oferece os elementos necessários para entender a atual configuração étnica e cultural da nossa região, sobretudo a contribuição da *gente na nação* à genética da população nordestina (CHOR, 2000).

Gilberto Freyre é merecedor da máxima consideração por haver aberto novas possibilidades interpretativas para o fenômeno (ainda não explicado) da integração étnico-cultural dos judeus na população e na cultura do Nordeste brasileiro. Além disso, Gilberto Freyre possui outro mérito, ainda maior: embora tivesse sido aluno de grandes mestres, não foi discípulo de ninguém, exceto dele mesmo.

No que se refere à antropologia da cultura do homem nordestino, Gilberto Freyre é nosso principal historiador social, pois ofereceu uma das interpretações mais criativas em relação ao estabelecimento e adaptação do homem ibérico situado na região tropical do Brasil.

Acredito que a presença dos judeus e do judaísmo na obra freyreana foi, é e continuará sendo um tema tão apaixonante e contraditório quanto à vida do grande Gilberto, o judeu de Apipucos.

Seminário de Tropicologia
Academia Pernambucana de Letras
22 de maio de 2012

REFERÊNCIA

- ALCÂNTARA, Marco A. de. *Aspectos da aculturação dos judeus no Recife*. Recife: Imprensa Oficial, 1956.
- CHOR, Marcos M. “Os judeus no pensamento de Gilberto Freyre”. In: QUINTAS, Fátima (org.) SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS. *Anais*: Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000, p. 67-70.
- CUKIERKORN, Jacques. *Retornando – Coming Back*: a description and historical perspective of the Crypto-Jewish Community of Rio Grande do Norte, Brazil. [Thesis for Ordination]. Cincinnati: Hebrew Union College – Jewish Institute of Religion, 1994.
- GITLITZ, David M. *Secreto y engaño*: la religión de los criptojudíos. Salamanca: Junta de Castilla y Leon, 2003.
- MELLO, José A. G. de. *Gente da Nação*: cristãos-novos e judeus em Pernambuco – 1542-1654. Recife: Massangana/Fundaj, 1989.
- RAMAGEM, Sonia B. A fênix de Abraão: um estudo sobre cristãos-novos retornados ao judaísmo de seus ancestrais. *Dissertação* (Mestrado) – Universidade de Brasília, 1994.
- RIBEMBOIM, Alexandre & RIBEMBOIM, Jacques. *Uma Olinda judaica (1537-1631)*. Recife: Bagaço, 2011.
- SCHWARZ, Samuel. *Os cristãos-novos em Portugal no século XX*. Lisboa: Cotovia, 2010.
- WACHTEL, Nathan. *La foi du souvenir*: labyrinthes marranes. Paris: Seuil, 2001.
- _____. *Mémoires marranes*: itinéraires dans le “Sertão” du Nordeste brésilien. Paris: Seuil, 2011.

RESUMO

O presente artigo é uma síntese da conferência proferida no Seminário de Tropicologia, realizado em 22 de maio de 2012, na Academia Pernambucana de Letras. O texto analisa a forma como os judeus e o judaísmo são abordados por Gilberto Freyre. A exposição destaca a herança judaica na população e na cultura nordestina, bem como o reflexo dessa herança semita na obra freyreana e a acusação de antissemitismo lançada contra o antropólogo de Apipucos. Evoca recentes estudos genéticos que comprovam a presença judaica na população luso-nordestina e na própria família Freyre. O estudo destaca a importância étnica dos cristãos-novos (de origem judaica) na formação do povo e da cultura do Nordeste brasileiro, tal como apresentado na Teoria do Nordeste Semita.

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Freyre. Judaísmo. Semitismo. Tropicologia. Nordeste Semita.

ABSTRACT

This article is a summary of the lecture in Seminar Tropicology held on May 22, 2012, in Pernambuco Academy of Arts. The text looks at how Jews and Judaism are covered by Gilberto Freyre. The exhibition highlights the Jewish heritage and culture in the population of the Northeast, as well as the reflection of this heritage in the work of Freyre and anti-Semitism accusation launched against the anthropologist of Apipucos. Evokes recent genetic studies that show a Jewish presence in the population in the Luso-Northeast and Freyre's family. The study highlights the importance of ethnic New Christians (of Jewish origin) in the people and culture of the Brazilian Northeast, as presented in the Theory of the Northeast Semitic.

KEYWORDS: Gilberto Freyre. Judaism. Semitism. Tropicology. Northeast Semitic.